



PSICANÁLISE

Antonio Imbasciati

Consciente, inconsciente e memória

*Cinco ensaios entre a psicanálise
e as neurociências*

Blucher

CONSCIENTE, INCONSCIENTE E MEMÓRIA

Cinco ensaios entre a psicanálise e a neurociência

Antonio Imbasciati

Tradução

Diego Felipe Scalada

Revisão técnica da tradução

Leopoldo Fulgencio

Consciente, inconsciente e memória: cinco ensaios entre a psicanálise e a neurociência

Título original: *Coscienza, inconscio, memoria*

© Mimesis Edizioni – 2022

© 2024 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Kedma Marques

Tradução Diego Felipe Scalada

Revisão técnica da tradução Leopoldo Fulgencio

Preparação de texto Sabrina Inserra

Diagramação Erick Genaro

Revisão de texto Samira Panini

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Consciente, inconsciente e memória : cinco ensaios entre a psicanálise e as neurociências / Antonio Imbasciati ; tradução de Diego Felipe Scalada. -- São Paulo : Blucher, 2024.
162 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2274-3

Título original: *Coscienza, inconscio, memoria*

1. Psicanálise 2. Neurociências I. Título II. Scalada, Diego Felipe

24-4972

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

1. A unidade corpo-cérebro-mente: psicossomática ou <i>bodybrainmind</i> ?	15
<i>Mente e cérebro</i>	15
<i>Aprender a perceber</i>	19
<i>Como o recém-nascido aprende: o cérebro é “a memória”</i>	24
2. Inconsciente e consciente entre a psicanálise e as neurociências	35
<i>O que é esse “inconsciente”?</i>	35
<i>Teorias para “explicar”</i>	44
<i>O que seria essa “consciência”?</i>	49
<i>Mente e cérebro</i>	56
<i>A dificuldade dos analistas no confronto com as neurociências</i>	63
<i>O inconsciente “é” memória</i>	69
3. Os afetos e a memória não recordável	85
<i>Por que não recordamos?</i>	85
<i>O preconceito da memória = recordação</i>	89
<i>O cérebro é a memória</i>	92
<i>Memória e incomunicabilidade de uma eventual recordação</i>	96

4.	A construção do <i>bodybrainmind</i>	101
	<i>O conceito de mente e nossos preconceitos</i>	101
	<i>Como a mente se constrói? Ou ainda, o que acontece quando aprendemos</i>	112
	<i>O que acontece no cérebro</i>	122
5.	O preconceito: os jogos da consciência	129
	<i>Os preconceitos dos seres humanos em relação à “mente”</i>	129
	<i>Minha mente é aquilo que me mostra a minha consciência</i>	134
	<i>A questão do “livre-arbítrio”</i>	136
	<i>Os afetos</i>	139
	<i>A mente normal: em um cérebro “normal”?</i>	147
	<i>A percepção</i>	152
	<i>A memória</i>	157

1. A unidade corpo-cérebro-mente: psicossomática ou *bodybrainmind*?

Mente e cérebro

Nas últimas décadas, as neurociências têm revelado como a mente se desenvolve e qual a relação estabelecida entre a “mente” e o cérebro desde o seu aparecimento no ser humano. Isso levou não apenas ao estudo dos recém-nascidos e seu primeiro desenvolvimento psíquico, mas também à vida fetal e, ainda, a seus pais. O ponto fulcral do que será aqui exposto incide sobre como a estrutura mental, ou melhor, a estrutura neuromental de um casal que gera um filho pode condicionar o desenvolvimento do cérebro do futuro ser humano, ou ainda, a estrutura neuromental de base (neonatal) que regerá seu desenvolvimento quando adulto. Eis a Psicologia Clínica Perinatal, como definida e estudada pela minha Escola em Bréscia nos últimos vinte anos.¹ O estudo da perinatalidade de um futuro indivíduo humano

1 Cf. Cena & Imbasciati, 2010, 2014, 2015a, 2015b; Cena, Imbasciati & Baldoni, 2010, 2012; Imbasciati & Cena, 2017, 2018 e 2020; Imbasciati, Dabrassi & Cena, 2007, 2011.

apresenta-se como uma chave para compreender como a mente e o cérebro se desenvolvem e, portanto, qual seria a sua correlação: ou melhor, hoje sabemos como o cérebro torna-se gradualmente capaz de exercer todas as funções que se manifestam e podem ser observadas no desenvolvimento de uma criança, o que hoje conhecemos sob a denominação de “mente”. Este último termo abrange, de acordo com o halo semântico da palavra inglesa *mind*, tudo o que nossa cultura conhece por afetividade, caráter, temperamento etc. O preâmbulo ora proposto é indispensável para compreender como podemos enquadrar e desenvolver o que tem sido denominado de “psicossomática”.

O cérebro não se desenvolve naturalmente, ou seja, a partir do genoma do *homo sapiens*, à exceção de alguns circuitos neurais (tronco-encefálico) comuns a todos os vertebrados: somente a macromorfologia do cérebro humano é ditada pelo genoma; mas a micromorfologia e a fisiologia, ou seja, sua funcionalidade, são construídas pelo percurso experiencial de cada indivíduo. Este processo se inicia já no período fetal. Tal construção consiste na formação de ligações sinápticas, isto é, redes neurais resultantes da biologia molecular desencadeada pelas vias aferentes que, por sua vez, provêm dos sistemas sensoriais que estão sendo formados no corpo. Obviamente, as redes neurais são diferentes de indivíduo para indivíduo, variando de acordo com os contatos ambientais e interpessoais experimentados por cada pessoa. É a estrutura sináptica das redes neurais formadas pela experiência de cada indivíduo que determina a funcionalidade característica do cérebro de cada pessoa: “nós somos as nossas sinapses” (LeDoux, 2002); “eu sou o meu conectoma” (Seung, 2012). Portanto, o cérebro e seu funcionamento são rigorosamente individuais, não apenas porque cada indivíduo tem uma experiência distinta, mas também porque em seus primórdios, o cérebro de cada indivíduo recebe e elabora a seu modo a mesma experiência. Portanto, absolutamente ninguém tem o cérebro idêntico ao do outro (Ansermet & Magistretti, 2004 e 2010) Essa construção das redes neurais individuais não ocorre de forma

automática e passiva, igual para todos, mas por meio da mediação e da modulação das progressivas interações com os próprios pares adultos, que estarão invariavelmente mais ou menos presentes nos cuidados de uma criança. Eles são obviamente diferentes para cada criança, de acordo com suas distintas modalidades de cuidado e de relacionamento: isso aumenta a variação com a qual cada cérebro se constrói.

O corpo fetal paulatinamente se desenvolve segundo o desenho genético de nossa espécie, e nesse corpo em desenvolvimento surgem aparatos sensoriais, desde os mais simples, como os bioquímicos e humorais, passando por alguns mais específicos, dotados de determinadas variações físicas (por exemplo, térmicas, sensitivas, táteis), até os mais complexos (retina, cóclea). Todos esses sensores enviam informações ao sistema nervoso ainda em formação. No feto, e, depois, no recém-nascido e lactente, as informações provêm da gestante e, posteriormente, dos cuidadores. Informação não significa percepção. O cérebro não é um gravador audiovisual que reproduz a realidade: o que um indivíduo (adulto) percebe (assim como qualquer outro e mais complexo processo de sua mente) é fruto de um aprendizado do cérebro ao organizar as referidas informações – aferências –, de modo que o próprio cérebro, de forma adaptativa, possa reconhecer, e, conseqüentemente, aprender a ajustar todo o corpo ao ambiente que “de algum modo” vem a ser “percebido”. Deve-se ter em mente que o “aprendizado do cérebro” não corresponde àquilo que comumente significa um aprendizado da pessoa: são dois planos diferentes, um neurológico e outro mental, sob nenhuma hipótese equivalentes. O aprendizado do cérebro consiste na formação, proliferação e alteração das redes neurais: não concerne a nenhuma representação da realidade como percebida pela mente da pessoa adulta, com sua respectiva consciência, tampouco pela criança. O cérebro não é um acervo de filmes. O que se aprende é aquilo que um cérebro elaborou a partir dos aprendizados vivenciados pela pessoa.

Cada informação chega sob a forma de correntes bioelétricas oriundas dos aparelhos sensoriais, externos e internos ao corpo, ou diretamente pela via bioquímica. São estas aferências que, seja no âmbito das partes periféricas do sistema nervoso, seja de maneira mais complexa, no âmbito cerebral, produzem sinapses e novas redes neurais. As primeiras redes constituem uma capacidade primordial de elaboração/codificação daquilo que posteriormente sobrevirá a cada indivíduo. Portanto, cada informação que eventualmente chegar ao cérebro não será registrada como tal, mas da maneira com que o cérebro, em seu momento de funcionalidade, for capaz de elaborar e codificar: ou seja, qualquer efeito de modificação das redes neurais ensejará uma mutação, mais frequentemente um aumento das capacidades funcionais que, por sua vez, condicionará o modo pelo qual a informação subsequente será elaborada e transformada. Eis o chamado “efeito cascata” (Imbasciati & Cena, 2018), responsável por multiplicar as diferenças entre um indivíduo e outro: a mesma experiência, considerada em sua configuração real externa, produz efeitos neurais diversos, a depender da forma com que o cérebro de determinado indivíduo, naquele momento preciso de sua funcionalidade, a organiza.

Tudo isso se passa no cérebro e é substancialmente distinto do que se passa na mente, no âmbito da subjetividade do indivíduo, que poderá perceber tais informações à medida que sua capacidade de consciência se desenvolve. O plano mental, ou seja, tudo aquilo que uma pessoa pode sentir, é algo completamente diferente daquilo que se passa no cérebro, mas, todavia, é o efeito dele: o efeito da funcionalidade de um cérebro na mente de uma pessoa; tanto o que ela pode sentir quanto aquilo que sua mente retém sem que o consciente o acompanhe.² O fato de cada experiência produzir redes neurais que modificam as redes subsequentes – efeito cascata – pode significar também um efeito sobre o todo e, portanto, interessar também às conexões pretéritas, sem que

2 Não é tarefa fácil em nossa cultura assimilar todas essas distinções supramencionadas.

o sujeito se dê conta disso. Portanto, convém distinguir a memória e as alterações engendradas em suas redes neurais daquilo que o sujeito pode perceber e que, eventualmente, recorde.

Nessa processualidade, as aferências serão selecionadas, compiladas, discriminadas e organizadas de modo que, nesta organização, os conjuntos de memória, ou seja, de redes neurais, estabeleçam, cada uma delas, uma relação com um significado que possa ser posteriormente reconhecido de modo a vir a ser – nas sucessivas experiências – mental: isso se manifesta no comportamento sob feições gradualmente adaptativas, e/ou na subjetividade de uma pessoa, como reconhecimento de “algo”. Esse processo pode ser mais facilmente compreendido se levarmos em consideração os eventos mentais elementares, como a percepção, começando por aquela de objetos simples, a partir da forma com que tais eventos se produzem e se manifestam no recém-nascido.

*Aprender a perceber*³

A percepção não é um processo automático, de “maturação”, tampouco um advento inato: o cérebro deve aprender a perceber. Isso

3 NRT. A tradução de “*Imparare*” e “*Percepire*” não é tarefa simples, dado que Imbasciati está se referindo a processos do desenvolvimento do cérebro e do pensamento que realizam processos, dinâmicas, diferentes na relação com o mundo, com os estímulos etc. Tanto em italiano como em português, temos os termos: “Perceber – *Percepire*” (cujo sentido é o de captar algo pelos órgãos dos sentidos); “Apercepção – *Appercezione*” (referindo-se à percepção acompanhada de consciência, em que a percepção é ativamente reconhecida e refletida pelo sujeito; “Aperceber-se – *Avvedersi*” (cujo sentido, que deve também considerar a “apercepção” é o de dar-se conta, perceber algo com mais atenção e clareza, ainda que não seja aqui claro se há, nestes casos, pode-se ter certeza de que temos a percepção com consciência de si mesma); “Aprender – *Comprendere*” (cujo sentido é captar algo intelectualmente, entender ou assimilar uma ideia); “Aprender – *Imparare*” (cujo sentido é adquirir conhecimento ou habilidade intermédio de estudo, prática ou experiência). No texto de Imbasciati temos o uso de “*Imparare*” e “*Percepire*”, no entanto, sua análise acaba por referir-se a todos estes processos sutis descritos acima por estes diferentes

também vale para os animais, visto que cada espécie aprende a seu modo: um coelho não percebe como um cachorro, e este como um macaco, tampouco o orangotango tem a mesma percepção de um homem; e isso não é apenas um produto da morfologia cerebral de determinada espécie, mas sim do fato de que cada espécie está condicionada a aprendizados específicos, proporcionados tanto pelo ambiente quanto por seus pares. Esta última fonte de aprendizagem, embora presente nos animais, a começar pelos pássaros, aumenta conforme a escala zoológica e atinge seu ápice ao determinar a singularidade do funcionamento no próprio ser humano.

O cérebro deve aprender a compilar as aferências sensoriais, começando pelas introceptivas, táteis, vasopressoras, proprioceptivas, auditivas, vestibulares, em grupos aos quais seja possível atribuir e, portanto, reconhecer algum significado. Na criança, as aferências não são compiladas de modo a formar automaticamente as percepções vivenciadas por um adulto; antes é necessário que elas sejam identificadas como significativas de algo que é confirmado – reconhecido – pelas experiências sucessivas. Por ora, estamos no plano mental, ou seja, restritos ao que ocorre na subjetividade ou, ainda, na pessoa em formação – nesse caso, a criança. A experiência do cérebro produz efeitos de experiência no âmbito mental. Posteriormente, o âmbito mental, constituído por uma percepção, poderá dar origem a novas experiências cerebrais. Todo o processo de formação da percepção e cada uma das demais formações de eventos mentais são sempre modulados por um diálogo constituído pelas informações concorrentes, com o adulto em contato com o bebê. Há aqui um processo gradual

termos. Isto foi levado em conta na escolha dos termos adequados para traduzir os termos usados por Imbasciati. Mantendo-nos, evidentemente, fiéis aos usos dos termos escritos por Imbasciati (em geral, “*Imparare*” e “*Percepire*”). Cabe notar que Imbasciati não usa “Apercepção – *Appercezione*”, ainda que o processo de apercepção seja comentado na sua análise. Talvez este seja um ponto (a compreensão e distinção dos fenômenos designados por estes termos) a ser desenvolvido.

– do feto ao recém-nascido – cada vez mais intenso e decisivo nos seis primeiros meses de vida da criança, e o “significado” que um bebê pode atribuir a um grupo de significantes aferenciais ainda está bem longe daquilo que, posteriormente, essa mesma criança de três ou quatro anos poderá perceber. A percepção, como os adultos a experimentam, deve ser gradualmente aprendida (Imbasciati, 1998). Um feto não percebe como um recém-nascido, mas um recém-nascido também não percebe como perceberá um bebê com três ou quatro meses, ou com um ano; tampouco o que uma criança percebe aos três anos será o mesmo, perante o mesmo objeto, quando esse indivíduo chegar à vida adulta.

São incisivas, na perinatalidade e na primeira infância, as aferências das variações neuroendócrinas (nível ideal de estresse para que ocorra a aprendizagem nos animais), e, também, as intracorpóreas, que são mescladas e integradas àquelas da incipiente percepção do exterior e, em especial, a tudo que provém do cuidado da pessoa que se ocupa da criança. Além dessas, há também as aferências responsáveis por regular, de forma recíproca, as variações neuroendócrinas. Estes grupos de aferências são elaborados de modo a constituir os protoafetos, cuja evidência se traduz quando a criança, já um pouco maior, torna-se capaz de “ouvir” (nos primórdios de alguma consciência), e, em seguida, identificar as palavras: eis os afetos. Tudo isso irá constituir a memória de como o cérebro aprende a estruturar os afetos.

A capacidade de perceber é, portanto, aprendida e demasiadamente complexa. A título de exemplo, pensemos na visão: logo após o nascimento, nossa retina é excitável, e essa excitação progressivamente poderá interessar as vias óticas, o tálamo e demais áreas, todavia o recém-nascido ainda “não vê”. É imprescindível que essas redes neurais específicas se formem em diversas zonas cerebrais e, por fim, em seu córtex calcarino. Tudo isso ocorrerá por meio da experiência, tanto mais se um adulto ajudar a reconhecer aquilo que de algum modo a criança consegue organizar a partir das aferências recebidas. Trata-se

de um processo gradual ao longo dos primeiros dois, três anos de vida, engendrado a partir das progressivas aprendizagens. Não há uma razão pela qual as diversas aferências – meras correntes bioelétricas –, que simultaneamente afluem ao cérebro oriundas de diversas fontes sensoriais, cheguem até lá tão somente por automatismo ou por “maturação”, compiladas de tal modo a configurar um determinado objeto que de alguma forma seja “percebido”; há apenas o princípio da adaptação característica de cada forma de vida. A título de ilustração, poderíamos ter, inicialmente, uma mescla desordenada de aferências oriundas dos diversos aparelhos receptores (recepção, não percepção), de modo a conformar um conjunto de aferências cocleares fundidas com aferências introceptivas cujo resultado perceptivo sejam “sons que dão dor de barriga”; ou aferências visuais que, misturadas à propriocepção, sejam associadas ao tato. Daí resultam (a exemplo das sinestésias obtidas em laboratório) percepções absurdas para um adulto.⁴ Tudo isso faz com que tais percepções não sejam suscetíveis à recordação.

Não obstante, tampouco um adulto percebe aquilo a que chamamos realidade de maneira idêntica à de outro adulto: o que chamamos de percepção adequada à realidade é o que se constata em um indivíduo bastante adulto (por exemplo, um menino de dez anos) que se comporta de forma “inteligente” (adequada às interações que se apresentam oportunas ou inclusive desejadas) em um ambiente que lhe proporciona informações sensoriais; que ele está em condições de elaborar a fim de gerar uma percepção que nós julgamos realista. Contudo, jamais será possível saber se o que um sujeito “vê”, por exemplo, um quadrado verde, seja de fato verde e quadrado como o percebe um outro menino ou adulto. Falamos de realidade, ou de percepção realista, quando e enquanto dois ou mais sujeitos demonstram comportamentos interativos análogos com os objetos que dizem

4 Picasso dizia que pretendia pintar o mundo como ele pensava que um recém-nascido o percebia.

perceber. A subjetividade, mesmo em seu nível mais elementar, como a visão de um simples objeto, é insondável de um ser humano a outro. Vejamos aqui um dos nexos mais elementares entre mente e cérebro: a primeira sempre desempenha determinada função do segundo, que o aprendeu [*che l'ha imparata*]; e este, quando necessário, “faz a mente atuar” no indivíduo. Este último aspecto – vez ou outra – implica uma memória complexa de tudo que foi aprendido [*imparato*] pelo cérebro: da percepção a um comportamento mais ou menos simples, ou a uma capacidade motora mais complexa (caminhar, pegar, manipular), até a capacidade de agrupar imagens e, posteriormente, os conceitos adquiridos, resultando em um ainda incipiente “raciocínio”.

Pouco sabemos sobre o que acontece no cérebro, mas menos ainda sobre como ele se transmuta, do plano objetivo, bioquímico, a um estado subjetivo: de um sujeito que percebe, e que depois “raciocina”, ou melhor, se comporta de maneira “inteligente”; aprende lentamente “como fazer”, por meio de modalidades que manifestam uma organização progressiva (aprendida) daquilo que chega a seu cérebro e que este o organizou (= aprendido) para usá-lo; na melhor das hipóteses, em virtude de um princípio geral de adaptação. Para os vertebrados,⁵ o primeiro resultado diz respeito à percepção. A “informação” contínua que chega dos sentidos do corpo – tanto da parte externa quanto do interior desse mesmo corpo – significa recepção por parte do cérebro, mas não a ponto de originar a percepção: é necessário que intervenha também a capacidade daquela gradual organização que o cérebro aprende a fim de gerar, em redes neurais cada vez mais complexas, algo que seja capaz de produzir comportamentos que indicam como o sujeito reconhece – ou recorda – alguma coisa; e mobilize suas diversas competências em um progressivo castelo de conexões que, a partir de comportamentos muito simples, tornam-se cada vez

5 Obviamente, cada espécie de vertebrado aprenderá a “sua” percepção, proporcionada pelos sensores e pelo cérebro, específicos do programa genético da própria espécie.

mais complexos, passando a integrar sua capacidade “mental”; tudo isso até a internalização, na mente, de todas as conexões, produzindo o que denominamos como capacidade de “raciocinar”.

De modo análogo, adquire-se também a possibilidade de “sentir”. As emoções não são senão o efeito da funcionalidade de processos bio-moleculares em redes sinápticas do cérebro: o adulto é capaz de sentir em sua subjetividade algo que conhecemos por sentimento, afeto ou, quando sentido intensamente em sua subjetividade, sentir-se-á emocionado. Contudo, não é possível asseverar que o sujeito necessariamente sinta transcorrer dentro de si aquilo que ocorre em seu cérebro. Muitas vezes ele não o sente: uns são alexitímicos;⁶ outros menos, alguns outros mais; para as emoções, somos todos um pouco de tudo. O estado emocional reside no cérebro: por vezes podemos senti-lo nebulosamente, às vezes como humor e outras vezes de forma clarividente, a ponto de distingui-lo. A possibilidade de senti-lo, assim como a situação que o suscita, dependerão da capacidade dos indivíduos que – alguns mais, alguns menos, outros jamais – aprenderam a sentir os próprios sentimentos. Caso contrário, eles são e permanecerão inconscientes, sendo constatados apenas pelos parâmetros biológicos do corpo.

Como o recém-nascido aprende: o cérebro é “a memória”

Voltando ao feto/recém-nascido, o que um feto entende de tudo que lhe advém (informações) de seus diversos sensores? Ao cérebro chegam aferências táteis, pressóricas, propioceptivas, olfato-gustativas, sonoras, térmicas e todas aquelas oriundas dos receptores internos

6 NRT. Alexitimia é uma dificuldade em identificar emoções: indivíduos com alexitimia frequentemente têm problemas para reconhecer e diferenciar suas próprias emoções e sentimentos. Podem ter dificuldade em distinguir entre diferentes tipos de emoções (como tristeza e raiva) ou entre emoções e sensações físicas.



Com a psicanálise, o inconsciente tornou-se um objeto de estudo da psicologia, tanto a clínica como a experimental, abrindo um imenso campo pesquisa sobre os fenômenos e acontecimentos que determinam o desenvolvimento psico-afetivo-cognitivo do ser humano, desde a sua origem fetal até a sua maturidade adulta e sua morte, oferecendo instrumentos para que possamos agir, seja de forma preventiva ou de forma curativa, tanto no processo de desenvolvimento quanto nas práticas de cuidado psicoterapêutico.

Este livro de Antonio Imbasciati apresenta uma abordagem consistente e atualizada das relações entre a psicanálise e as descobertas atuais das neurociências, abordando questões como: o que é e quais os limites da consciência, como instrumento de pesquisa? O que é a unidade CorpoCérebroMente, que rege a consciência, a memória e os afetos? Como os avanços obtidos pelas neurociências transformam o pensamento e a prática psicanalítica.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2274-3

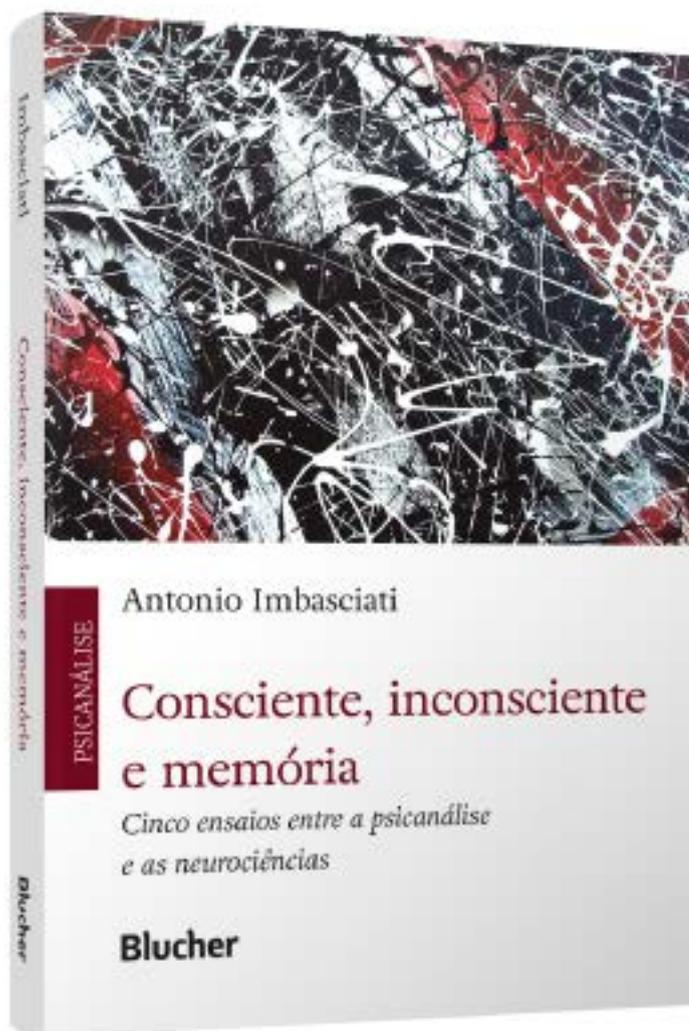


9 788521 122274 3



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Consciente, inconsciente e memória

Cinco ensaios entre a psicanálise e as neurociências

Antonio Imbasciati

ISBN: 9788521222743

Páginas: 162

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
